

---

## A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES A PARTIR DE PUEBLA

---

---

### THE PREFERENTIAL OPTION FOR THE POOR SINCE PUEBLA

---

Antônio Ronaldo Vieira Nogueira<sup>1</sup>

Joaquim Jocélio de Sousa Costa<sup>2</sup>

### RESUMO

Ao comemorar os quarenta anos da III Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho, ocorrida em Puebla, uma questão se destaca entre as várias tratadas pela Conferência: a “opção preferencial pelos pobres”, tanto pela força que teve em si mesma, quanto por sua repercussão durante a Conferência e posteriormente a ela. A conferência de Medellín já havia falado de “visar, preferencialmente, os setores mais pobres e necessitados”, todavia, foi em Puebla que se formulou a expressão “opção preferencial pelos pobres”, quando se firmou e passou a ser adotada e repetida não só pelo Magistério da Igreja da América Latina, como também por documentos do Magistério Pontifício. Assim, esse trabalho visa refletir sobre a opção preferencial pelos pobres a partir de Puebla. Para isso, um primeiro ponto tratará da sintonia/continuação que essa questão teve em Puebla em relação a Medellín. Um segundo ponto exporá algumas resistências à opção pelos pobres que apareceram durante a Conferência. Um terceiro e último ponto apresentará o desenvolvimento desse tema na práxis pastoral da Igreja latino-americana e em documentos magisteriais do episcopado da América Latina e do Magistério Pontifício. Trata-se de uma questão complexa e conflitiva, mas radicalmente consequente com o Evangelho.

**Palavras-chave:** Puebla. Opção pelos pobres. Práxis pastoral.

### ABSTRACT

Commemorating 40 years since the Third Latin American and Caribbean Episcopal Conference, in Puebla, a question arises among the various topics addressed by that conference: the “preferential option for the poor”, as much by the power in itself, as by its repercussion during the Conference and posteriorly to it. The Medellín conference had already addressed the “vision, preferential, the poorer and needy sectors”, moreover, it was in Puebla that the expression emerged “preferential option for the

---

<sup>1</sup> Presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte-CE. Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Professor de Teologia Sistemática na Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). E-mail: antonio\_ronaldoa@hotmail.com.

<sup>2</sup> Bacharel em Filosofia e Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). E-mail: joaquimjocelio@gmail.com.

poor”, when it was affirmed and became adopted and respited not only by the Magisterium of the Latin American Church as also in documents of the Pontifical Magisterium. Thus, this work seeks to reflect: The preferential option for the poor since Puebla. To this end, the first point will treat the synergy/continuation that this question had in Puebla in relation to Medellín. A second point will explore some resistances to the option for the poor that appeared during the Conference. A third and last point will present the development of this theme in the pastoral praxis of the Latin American Church and in documents of the Magisterium of the episcopate of Latin America ad of the Pontifical Magisterium. It addresses a complex and conflictual question, more radically consequent with the Gospel.

**Keywords:** Puebla. Option for the poor. Pastoral praxis.

## 1 Introdução

Sem dúvida, todos nós já ouvimos a expressão “opção preferencial pelos pobres” muitas vezes. Alguns podem até usá-la com frequência, outros simplesmente a ouviram em algum momento, outros ainda podem ter até ojeriza a ela. O fato é que essa expressão se tornou uma marca na Igreja latino-americana. Ela, que é comum em nossos documentos, discursos, canções, orações, poemas, surgiu, com essa formulação, na III Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho ocorrida em Puebla, no México.

Em 2019, celebramos os 40 anos dessa conferência, ocorrida de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Certamente, temos muitos temas dentre os quais escolher no *Documento de Puebla* (DP)<sup>3</sup>: 21 comissões de bispos foram criadas na conferência para desenvolver os temas desse encontro. Contudo, o tema central, digamos assim, que embora tenha recebido seu capítulo próprio, aparece de modo transversal aos demais é justamente o da opção pelos pobres. Refletiremos, então, a partir da formulação que é própria de Puebla: opção preferencial pelos pobres.

Desenvolveremos a questão em três momentos: num primeiro ponto, falaremos da continuidade desse tema em relação à conferência anterior, comparando com o *Documento de Medellín* (DM), sem deixar de notar, porém, as rupturas com ela; num segundo momento, trataremos dos conflitos e oposições a essa questão na

---

<sup>3</sup> Sempre que citarmos documentos da Igreja, apresentaremos seu título completo na primeira vez e a sigla entre parênteses. Nas demais vezes, só a sigla.

conferência de Puebla; e, num terceiro momento, trataremos das repercussões teológicas e pastorais na Igreja latino-americana e nos documentos pontifícios.

## 2 Na linha de Medellín

Em seu *Diário de Puebla*, frei Betto, que esteve como jornalista na cidade da conferência durante sua realização, escreveu que até aquela época “nenhuma reunião episcopal foi tão discutida, esperada, temida” (FREI BETTO, 1979, p. 16). Ele observa que, no que diz respeito às conferências anteriores, a expectativa ou o temor por parte dos governos não era grande. A do Rio de Janeiro, em 1955, aconteceu dentro do Congresso Eucarístico Internacional e se deu como se os bispos, que já estavam reunidos para o Congresso, simplesmente tivessem aproveitado a ocasião para decidir algumas questões, dentre elas a própria criação do Celam<sup>4</sup>. A Conferência de Medellín teve certa expectativa eclesial porque deveria pensar na recepção do Concílio na América Latina, mas os governos não imaginavam o que viria dela. Logicamente, todos se surpreenderam com Medellín e sua tomada radical de posição pelos pobres. Só então ela passou a ser temida pelos poderosos, e muito. Frei Betto até lembra que muitas vezes “os torturadores indagaram de suas vítimas quem é este Medellín que escreveu tantos documentos subversivos!” (FREI BETTO, 1979, p. 17).

Por isso, em Puebla, a expectativa era grande. Acaso Puebla seria como Medellín? Seria mais profética e tão subversiva quanto ela? Ou haveria uma correção a Medellín? Será que haveria certo freio às ideias de Medellín? Ou um regresso à Igreja anterior a essa conferência? Esses eram os anseios dos diversos grupos. Pensemos que, a nível mundial, havia a Guerra Fria e, a nível de América Latina, muitos países ainda estavam sob regimes ditatoriais. A guerra civil era acirrada na Nicarágua e em El Salvador.

Levando em conta esse cenário político, social e eclesial, olhamos propriamente para o texto dos documentos (de Medellín e Puebla) e percebemos certas diferenças, algumas positivas, outras nem tanto. Analisaremos alguns aspectos de ambos e perceberemos questões sobre os pobres que Medellín tratou e Puebla não, ou pelo menos não diretamente; questões que ambas trataram, embora de

---

<sup>4</sup> Conselho Episcopal Latino-americano.

formas diferentes; e perspectivas novas trazidas por Puebla. Contudo, o importante é perceber a sintonia entre as duas conferências, apesar de suas diferenças.

### 2.1 Questões de Medellín não retomadas em Puebla

De início percebemos que ambos os textos dedicaram um capítulo para falar da questão dos pobres e da pobreza. Em Medellín foi o capítulo catorze, intitulado “A pobreza da Igreja”; em Puebla foi o primeiro capítulo da quarta parte, intitulado “Opção preferencial pelos pobres”. Contudo, em ambos os documentos, a questão da defesa dos oprimidos e a crítica evangélica às estruturas injustas (políticas ou econômicas) já se faz presente em outros capítulos. Em Medellín, principalmente nos dois primeiros, sobre a Justiça e a Paz, respectivamente. Em Puebla, praticamente toda a primeira parte, especialmente no capítulo sobre a visão histórica e a visão sociocultural da realidade latino-americana. Mas gostaríamos de nos deter nos capítulos determinados para esse tema em cada documento final.

O capítulo sobre “Pobreza da Igreja” do *Documento de Medellín*, logo em seu início, apresenta um problema eclesial. Apesar de no primeiro parágrafo expressar que “o Episcopado Latino-americano não pode ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina” (DM 14,1), o documento, nos dois números seguintes, passa a destacar as acusações que a Igreja sofria: ser aliada dos ricos e ser rica. O texto, embora busque fazer uma atenuação a riqueza da Igreja, admite que é preciso mudanças, pois “não faltam casos em que os pobres sentem que seus bispos, párocos e religiosos, não se identificam realmente com eles, com seus problemas e angústias” (DM 14,3). Por isso, Medellín propõe mudança através de uma conversão que vença a mentalidade individualista. Contudo, é importante observar que Puebla até admite que “na Igreja da América Latina, nem todos temos comprometido bastante com os pobres” (DP 1140), mas o texto não dedica mais espaço nem palavras mais claras e fortes para a questão da riqueza da Igreja e as acusações de uma não-identificação da Igreja com a causa dos pobres. Uma coisa é reconhecer que não se tem feito o bastante pelos pobres, outra é denunciar que muitos católicos, inclusive pastores, não se identificam com as causas destes.

Outra questão que Medellín toca e que não foi retomada no capítulo sobre a opção pelos pobres em Puebla foi o apoio dado aos sacerdotes que trabalham no

meio dos pobres como um deles. Isso não quer dizer que Puebla não concordava mais com isso, simplesmente nesse capítulo sobre os pobres essa questão não foi mencionada. Enquanto, na verdade, em Medellín se falou mais do que em um simples apoio ao serviço desses sacerdotes. Os bispos assim escreveram: “Estimularemos os que se sentem chamados a compartilhar da sorte dos pobres, vivendo com eles e trabalhando com suas próprias mãos” (DM 14,15). Mas quantos padres são proibidos ou condenados por isso! O que vemos no *Documento de Puebla* é um silêncio sobre tal questão. O que se viu na prática nos anos posteriores à conferência foi uma perseguição aos padres que viviam assim. Medellín falou em estimular, mas a prática posterior a Puebla pareceu querer acabar com essa forma de vida. Mesmo assim, podemos glorificar a Deus por tantos padres que viveram verdadeiramente a pobreza com os pobres, como padre Alfredinho de Crateús, chegando a morar na área de prostituição da cidade, depois na casa de uma prostituída que falecera, chegando depois a se mudar para São Paulo, morando na rua com os pobres.

Uma última coisa que gostaríamos de mencionar, e que aparece no capítulo sobre os pobres em Medellín, e não em Puebla, é o compromisso explícito de não se prender a acordos com os poderosos ou a falsas ideias de prestígio. Com “explícito” queremos apontar para a crítica direta feita por Medellín. Quando vemos hoje uma Igreja ainda muito aliada aos poderosos, que com muita facilidade participa de seus banquetes, aceita suas homenagens e abençoa seus empreendimentos opressivos, percebemos a necessidade de um alerta tão claro, tão explícito como esse expresso em Medellín, infelizmente não retomado em Puebla: “Queremos que nossa Igreja latino-americana esteja livre de peias temporais, de conveniências indevidas e de prestígio ambíguo; livre de espírito com relação aos vínculos da riqueza” (DM 14,18).

## 2.2 Retomada criativa em relação a Medellín

Apesar de alguns silêncios ou esquecimentos de questões abordadas em Medellín, em muitos pontos o texto de Puebla seguiu a conferência anterior. A começar pela formulação “opção preferencial pelos pobres”. Medellín já havia falado em “visar, preferencialmente, os setores mais pobres e necessitados” (DM 14,9), mas foi Puebla que radicalizou isso ao escrever que, seguindo na linha de Medellín, adotaria “uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres” (DP 1134).

E quanto ao termo “pobres”, ambos os documentos explicitam de que tipo de pobres estão falando. Medellín fala de pobres em três sentidos: 1) enquanto carentes dos bens desse mundo, 2) pobreza espiritual enquanto abertura a Deus e 3) pobreza como compromisso com os sofredores (Cf. DM 14,4). Puebla fala de duas formas de pobreza: 1) no sentido de privação e marginalização, da qual precisamos nos livrar e 2) une o que Medellín chama de pobreza espiritual e evangélica numa só, pobreza essa que deve ser abraçada por todos os seguidores de Jesus (Cf. DP 1148).

É por causa dessa visão de pobreza que Puebla afirma “a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação” (DP 1134). Medellín explicava que essa tomada de posição é por maior fidelidade a Jesus que “viveu na pobreza, centralizando sua missão no anúncio da libertação aos pobres” (DM 14,7). Puebla esclarece isso ao afirmar que “os pobres, também alentados pela Igreja, começaram a organizar-se para uma vivência integral de sua fé e, por isso, para reivindicar os seus direitos” (DP 1137). Ou seja, Puebla esclarece que lutar por direitos é viver a fé de forma integral, fiéis ao jeito de Jesus, e não algo separado dela. Algo que para muitos soa como heresia, pois ou se separa da fé o compromisso com os pobres (creio, rezo e também ajuda aos pobres) ou, pior ainda, se opõe uma coisa à outra (fé não tem nada a ver com a defesa dos pobres). O que Puebla pretende, na linha de Medellín, é falar da defesa da causa dos pobres como algo que leva a viver uma fé integral (ajudar os pobres por causa da fé), o que é bem diferente das duas posturas anteriores.

Algo muito valioso em ambos os textos é a consciência de que foi a realidade de injustiças que nos ajudou a abrir os olhos para algo que é tão próprio do Evangelho, mas que por vezes negligenciamos. Medellín afirma:

A Igreja da América Latina, dadas às condições de pobreza e subdesenvolvimento do continente, sente a urgência de traduzir esse espírito de pobreza em gestos, atitudes e normas, que a tomem um sinal mais lúcido e autêntico do Senhor. A pobreza de tantos irmãos clama por justiça, solidariedade, testemunho, compromisso, esforço e superação para o cumprimento pleno da missão salvífica confiada por Cristo (DM 14,7).

Puebla o confirma ao expressar que esta opção pelos pobres é “exigida pela escandalosa realidade dos desequilíbrios econômicos da América Latina” (DP 1154).

Assim, interpelada pela realidade de injustiças, Medellín falou da necessidade de denunciá-las (Cf. DM 14,10). Puebla, por sua vez, fala das perseguições e vexames

que sofreu a Igreja por causa da denúncia das injustiças (Cf. DP 1138), pois “o que aconteceu foi uma mudança de lugar social... Estar ao lado dos pobres custou para a Igreja o que sempre custou para os pobres: sofrimento, opressão, perseguição” (MANZATTO, 2019, p. 454). Medellín falou da necessidade da Igreja ter um estilo de vida mais simples, desde a habitação até as vestes e o fim de títulos do passado (Cf. DM 14,12); Puebla amenizou a questão nesse ponto, mas falou de repensar as estruturas e a vida de seus membros e procurar um estilo mais austero (Cf. DP 1157-1158). Medellín disse querer aproximar-se de todos os que trabalham com os pobres (Cf. DM 14,11); Puebla exemplificou isso falando, inclusive, da união com outras Igrejas na defesa dos pobres (Cf. DP 1161).

### 2.3 Avanços relevantes

Puebla, por sua vez, trouxe alguns aspectos novos e fundamentais em seu capítulo sobre a opção pelos pobres. Primeiro, o texto, logo em seu início, fala em uma necessária reflexão para saber em que se avançou em relação a Medellín no que se refere à opção pelos pobres e onde se precisa avançar mais. Chega à conclusão, que já mencionamos acima, de que apesar de muitos exemplos de fidelidade, “na Igreja da América Latina, nem todos nos temos comprometido bastante com os pobres; nem sempre nos preocupamos com eles e somos com eles solidários” (DP 1140). E isso é grave, pois Puebla afirma justamente que “o serviço dos pobres é medida privilegiada, embora não exclusiva, de nosso seguimento de Cristo” (DP 1145). Se não estamos servindo aos pobres, não vai bem nosso seguimento de Jesus.

Algo muito interessante é a nomenclatura dos capítulos. Em Medellín é “Pobreza da Igreja”, em Puebla é “Opção preferencial pelos pobres”. O foco em Medellín está em como a Igreja é chamada a viver a pobreza e assim defender os pobres; em Puebla, está mais na opção da Igreja pelos pobres para só então viver a pobreza. Embora uma coisa implique a outra, percebemos que Puebla parte antes da defesa dos pobres para chegar à pobreza da Igreja. O que isso pode significar?

Pode significar que em Puebla se desenvolveu a perspectiva de que a missão da Igreja está intimamente ligada aos pobres porque assim esteve a de Jesus e, portanto, a defesa destes vem antes da própria organização eclesial de forma mais pobre, pois esta é consequência daquela. A pobreza da Igreja não vem antes dos

pobres, mas por causa dos pobres, embora, não por estes em si mesmos, mas por causa da pobreza de Nosso Senhor, que por nós “se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza” (2Cor 8,9). “O serviço do pobre exige, de fato, uma conversão e purificação constante, em todos os cristãos, para conseguir-se uma identificação cada dia mais plena com Cristo pobre e com os pobres” (DP 1140), fala Puebla. Medellín já trouxe isso ao dizer que Jesus “fundou sua Igreja como sinal dessa pobreza entre os homens” (DM 14,7). Mas foi Puebla que aprofundou, ao não mais intitular seu capítulo como “Pobreza da Igreja” (perspectiva mais eclesial) e sim como “Opção preferencial pelos pobres” (perspectiva libertadora/pastoral). Embora, é claro, essa opção é feita pela Igreja. Além do mais, pobres e Igreja se implicam.

Em relação aos pobres mesmos, Puebla traz dois aspectos novos muito interessantes. Ela afirma que essa opção pelos pobres independe da moral destes. Não optamos pelos pobres porque eles são mais santos que os ricos, mais justos, mais honestos ou algo assim, mas porque são mais necessitados e por isso são os prediletos de Deus. “Só por este motivo, os pobres merecem uma atenção preferencial, seja qual for a situação moral ou pessoal em que se encontrem. Criados à imagem e semelhança de Deus para serem seus filhos, esta imagem jaz obscurecida e escarnecida. Por isso Deus toma sua defesa e os ama” (DP 1142).

Não são poucos os que na Igreja fazem chacota com a opção pelos pobres, afirmando que eles são ingratos, pecadores, que há muitos ricos que são mais gentis e honestos. Frases altamente preconceituosas são ouvidas constantemente: “para que ajudar os pobres, eles só querem beber cachaça”, “ele está mentindo, só quer se dar bem”, etc. Os pobres podem ser tão pecadores, ou algumas vezes até mais que os ricos. Isso não muda nossa opção cristã por eles, porque ela está embasada na opção gratuita de Deus, que cuida dos necessitados independentemente de sua conduta, pois Deus “é bom para com os ingratos e com os maus” (Lc 6,38) e “faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45).

O segundo aspecto é que a Igreja é chamada a descobrir “o potencial evangelizador dos pobres, enquanto estes a interpelam constantemente, chamando-a à conversão e porque muitos deles realizam em sua vida os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus” (DP 1147). Ou seja, apesar de não serem perfeitos (como ninguém é), os pobres têm



elementos de santidade e uma força salvífica que lhes destacam. Suas vidas têm muito a nos ensinar. Isso é retomado pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (EG)<sup>5</sup>, mas já é tema frequente nos padres da Igreja, que defendiam a força salvífica dos pobres<sup>6</sup>.

Por fim, gostaríamos de mencionar o fato de Puebla, quase no final do seu capítulo sobre a opção pelos pobres, destacar que a vivência da pobreza evangélica liberta os pobres e os ricos. Liberta os pobres porque faz com que sejam ajudados em sua libertação e os torna sempre mais solidários uns com os outros, livrando-os de uma mentalidade consumista. Sem dúvida, dois grandes pecados dos pobres são a falta de união entre si e a mentalidade de rico (embora, inconscientemente imposta por estes). E quanto a libertar os ricos, fala-se de convertê-los de seu egoísmo e da escravidão da riqueza (Cf. DP 1156). Outra questão muito própria dos padres da Igreja é o convite constante feito aos ricos para partilharem seus bens com os pobres<sup>7</sup>.

Como vimos, há profundas semelhanças, mas também algumas diferenças entre Medellín e Puebla. Há alguns aspectos novos e profundos em Puebla, mas também há críticas mais amenizadas. Poderíamos dizer, assim, que Medellín teve uma linguagem mais clara e dura para criticar as injustiças e a própria riqueza da Igreja. Isso foi um pouco amenizado em Puebla. Mas os aspectos novos desta conferência são fundamentais e seu próprio texto está em sintonia e na linha de Medellín. Falemos agora um pouco sobre os conflitos e oposições durante a conferência de Puebla.

### 3 Conflitos e oposições

Conflitos e discordâncias são comuns a qualquer reunião humana. São cabeças que pensam diferente e se unem para decidir algo. Qualquer posição assumida traz pressupostos e interesses, sejam esses bons ou não. Em Puebla não

---

<sup>5</sup> “A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja” (EG 198).

<sup>6</sup> Exemplo disso é São Gregório de Nissa: “Os pobres são os despenseiros dos bens que esperamos, os porteiros do reino dos céus, os que o abrem aos bons e o fecham aos maus e desumanos. Eles são, por sua vez, duros acusadores e excelentes defensores” (SÃO GREGÓRIO DE NISSA, 1996, p. 23).

<sup>7</sup> “Os bens e a riqueza pertencem ao Senhor, seja qual for a fonte de que os tivermos recolhido... E se o Senhor te concedeu ter mais que outros, não foi para gastares com amantes e bebedeiras, em banquetes e vestes luxuosas ou em qualquer outro desperdício. Foi para que o distribuas entre os que necessitam” (SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, 1996, p. 31).

foi diferente. Cada período, cada reunião tem sua conflitividade própria. No caso de Puebla, os conflitos em boa medida giravam em torno de como olhar para a conferência anterior. Haveria uma correção, confirmação ou avanço em relação a Medellín?

Em um livro em forma de entrevista, publicado quase no fim de sua vida, o cardeal dom Aloísio Lorscheider fala um pouco de como foi a experiência nessa conferência episcopal e sua repercussão posterior. Ele afirma que “a grande maioria dos bispos era a favor de que Puebla fosse uma continuidade de Medellín” (LORSCHIEDER, 2008, p. 81), porém, não nega que “havia toda uma tendência forte por parte de um grupo de bispos de neutralizar Medellín: ‘Medellín já foi, não é mais’” (LORSCHIEDER, 2008, p. 79). Dom Aloísio, inclusive, fala do caso de um cardeal do Vaticano<sup>8</sup> presente na Conferência, que queria retirar todo esse capítulo sobre a opção pelos pobres do documento final de Puebla. “Ele já queria telegrafar para o papa, que na época era o João Paulo II, para dizer que suprimisse o capítulo I da quarta parte do documento, que fala da ‘opção preferencial pelos pobres’” (LORSCHIEDER, 2008, p. 79-80).

O medo do comunismo, as incertezas quanto à teologia da libertação, a vontade de muitos bispos de assumirem um modelo de Igreja próprio do passado onde esta tinha mais poder e influência, enfim, o receio de continuar a linha de Medellín assustou muitos bispos e governos. Contudo, de fato muita coisa tinha mudado na própria forma de organização da Conferência em relação a Medellín. Em Puebla, embora houvesse um razoável número de leigos espectadores, o mesmo não se deu se tratando de membros de outras igrejas em relação a como foi em Medellín: foram 12 nesta e agora eram 6 naquela (FREI BETTO, 1979, p. 22).

Muitos teólogos foram proibidos de participar. Mesmo assim, muitos bispos os convidaram para estarem presentes nas mediações e assessorarem eles e outros bispos nas horas vagas. Por exemplo, só Gustavo Gutierrez foi convidado a assessorar pelos menos 8 bispos (Cf. FREI BETTO, 1979, p. 95-96). Porém, a vigilância ao redor dos bispos estava se tornando quase neurótica. Dom Alfonso López Trujillo, vice-presidente do Celam, era um dos mais rígidos nesse sentido. Frei Betto escreve que ele “se surpreendeu ao ver, dentro do Seminário, os teólogos

---

<sup>8</sup> Trata-se do Cardeal Baggio, na época, prefeito da Congregação para os bispos.

Leonardo Boff e Jon Sobrino, assessorando alguns bispos. Proibiu que qualquer texto fosse passado para pessoas de fora e mandou reforçar o esquema de segurança” (FREI BETTO, 1979, p. 110).

Outro problema foi com a imprensa. As informações demoravam a ser passadas para os jornalistas. Muitos deles interpretavam apressadamente e erroneamente os textos. Outros vários foram barrados e proibidos de estarem na conferência. Tudo isso culminou numa revolta dos jornalistas em apoio a um deles, que foi proibido de acompanhar o evento. Foi entregue, sobre o fato, “uma nota de protesto assinada por noventa e cinco representantes da imprensa que decidiram não mais participar das entrevistas coletivas. Vários outros que estavam inscritos para fazer perguntas aos prelados, renunciaram publicamente, em solidariedade aos companheiros proibidos de acesso à assembleia” (FREI BETTO, 1979, p. 101-102).

Contudo, foi a figura do papa uma das questões que intensificou os conflitos. Suas palavras muitas vezes eram tiradas de contexto e usadas pela mídia e por alguns bispos para condenar aquela que era chamada por estes de “Igreja popular”. João Paulo II fez um discurso de abertura composto por quatro partes. A primeira foi dura com uma ala dita mais progressista da Igreja, embora aquilo que ele criticou existia mais na cabeça dos conservadores que o influenciaram que mesmo na realidade da Igreja latino-americana. Em contrapartida, a terceira parte do seu discurso foi desconcertante para os chamados conservadores, pois João Paulo II fez uma clara e profunda defesa dos pobres. Foi nesse discurso inaugural que ele disse que, sobre toda propriedade privada, pesa uma hipoteca social (Cf. PAPA JOÃO PAULO II, 1979, p. 198).

Mais ou menos um mês depois do fim da Conferência, dom Hélder Câmara, em uma crônica lida na rádio, fala sobre a atuação do papa em Puebla e vem em sua defesa. Para os que diziam que o papa queria frear os bispos, dom Hélder escreveu:

O Santo Padre fez foi encorajar-nos. Quem ler, não frases isoladas de um discurso que o Papa fez no México, quem ler o discurso todo e todos os discursos que o papa fez em sua viagem à América Latina, verá que ele foi mais longe do que nós, imprimindo um valor excepcional as denúncias gravíssimas, que ele julgou de seu dever de Vigário de Cristo apresentar com todas as letras, sem o mais leve rodeio (CÂMARA, 2016, p. 183).

E continuou afirmando que quem for atento “verá que na hora das denúncias mais graves, nós, bispos latino-americanos, apoiamos as afirmações do nosso papa” (CÂMARA, 2016, p. 184).

Passemos agora a refletir sobre as repercussões que Puebla teve na teologia e pastoral da América Latina. Nessa análise, perceberemos que muitos desses conflitos iniciados durante a assembleia continuaram e se ampliaram, mas também veremos muitos frutos para a Igreja no continente e no mundo.

#### **4 Repercussões teológicas e pastorais**

A opção pelos pobres, mesmo não tendo sido assumida com a mesma seriedade por toda a Igreja na América Latina, com certeza se tornou uma questão central nos textos e planos pastorais, embora sua presença seja mais teórica que prática. Como já acenamos, essa formulação “opção preferencial pelos pobres” se deveu a Puebla, pois justamente “foi em Puebla a primeira vez que a expressão apareceu em um documento magisterial. Aquilo que já era realidade na Igreja do continente recebeu então uma formulação especial e uma fundamentação própria” (MANZATTO, 2019, p. 456).

##### *4.1 Uma pastoral no espírito de Puebla*

É claro, como já dissemos, que esse voltar-se para os pobres não é exclusivo de Puebla.

Medellín, pouco mais de dez anos antes, havia colocado a Igreja, pastoral e teologicamente, ao lado dos pobres comprometendo-a com o processo de libertação. Porém, será em Puebla que se formulará a expressão que vai se tornar, nos anos seguintes, a marca mais significativa da Igreja latino-americana e sua contribuição para o patrimônio da Igreja Universal (MANZATTO, 2019, p. 451).

Essa opção pelos pobres foi assumida com muita seriedade por diversos membros da Igreja, sejam bispos, padres, religiosas, religiosos ou leigos, alguns chegando até ao martírio. Embora alguns lhe neguem esse nome de mártires por não terem morrido “em nome da fé”, ou seja, não foram assassinados pelo simples fato de

se afirmarem cristãos, como aconteceu nos primeiros séculos, ou ainda hoje, em vários países da África e da Ásia. Alguns desses foram canonizados ou beatificados recentemente pelo Papa Francisco, mostrando que morrer pelos pobres é morrer em nome da fé. Exemplo disso é São Oscar Romero, canonizado em 2018 que, inclusive, participou da Conferência de Puebla. Ou dom Enrique Angelelli, bispo argentino assassinado, num forjado acidente de carro, pela ditadura militar de seu país, por defender os pobres. Ele foi beatificado em 2019 como mártir junto com um padre, um religioso e um agente de pastoral, igualmente mártires pela fé que os levou a defender os pobres.

Podemos nos alegrar com tantos cristãos católicos que assumiram essa opção pelos pobres, realizando uma catequese mais profética e engajada na vida do povo, uma liturgia mais inculturada e que fale à vida dos povos, um estilo de vida mais simples, casas paroquiais mais austeras, padres mais próximos do povo, freiras engajadas nas periferias, apoio às lutas e movimentos populares. Sem dúvida, essa opção pelos pobres muito frutificou no âmbito pastoral. Mas também foi muito negligenciada. Houve e há ainda muita resistência à opção pelos pobres.

#### *4.2 Desconfianças e resistências pastorais*

Dom Aloísio afirma abertamente que “o pessoal não mordeu essa opção preferencial pelos pobres, como deveria ter mordido” (LORSCHIEDER, 2008, p. 78), e mais, ele analisa que “de fato, as opções pastorais dos documentos de Medellín e Puebla não são vistas sempre com simpatia, na Igreja... Até hoje, nós não temos uma Igreja de classe pobre, com ‘cara’ de pobre!” (LORSCHIEDER, 2008, p. 142). Dom Aloísio, que tanto trabalhou na conferência de Puebla como presidente do Celam, sabia muito bem o que se passou lá e como isso foi acolhido na América Latina. Apesar de não negar os frutos de tantos agentes de pastorais, ao olhar para o seu presente, afirma: “a gente fala, mas na realidade, na pastoral você não sente mais isso” (LORSCHIEDER, 2008, p. 79).

De fato, hoje, em muitos ambientes católicos, se tem forte aversão aos pobres e à essa formulação surgida em Puebla (Opção preferencial pelos pobres). Falar em Medellín e em Puebla é visto pejorativamente como falar “só de pobre”. É como se essas conferências tivessem inventado a centralidade dos pobres e como se estes já

não fossem assunto próprio de tantos documentos pontifícios recentes, ou mesmo tema de discursos teológicos escolásticos e principalmente patrísticos. Ou ainda, como se passagens inteiras dos Evangelhos ou dos profetas, que falam dos excluídos, fossem esquecidas. O que Medellín e Puebla fizeram foi despertar a Igreja para algo que já era próprio de sua doutrina, mas que devido a seus pecados ao longo da história foi encoberto, embora nunca abandonado.

Mas não faltam trocadilhos com sérios e preocupantes pressupostos em relação à opção pelos pobres. Um dos mais comuns é o que diz: “a Igreja católica faz opção pelos pobres e os pobres fazem opção pelas Igrejas protestantes”. Dom Aloísio fez uma forte crítica a essa mentalidade, pois segundo ele, a ida para outras Igrejas consiste justamente em não levar a sério essa opção pelos pobres. “Nós fizemos essa opção profética, portanto, devíamos insistir nisso. Atribuir a ida de muitas pessoas para novas Igrejas à opção pelos pobres, parece-me um equívoco” (LORSCHIEDER, 2008, p. 84).

#### 4.3 Influência no Magistério Pontifício

Todavia, apesar de não se ver hoje assumida com consequência a opção pelos pobres, deve-se admitir que pelo menos teoricamente, ou seja, ao menos no discurso teológico universal, essa opção já se consolidou. Citaremos alguns documentos pontifícios e também das Conferências posteriores do episcopado latino-americano em que constatamos isso.

O papa João Paulo II na *Sollicitudo rei socialis (SRS)* fala sobre “a opção ou amor preferencial pelos pobres. Trata-se de uma opção, ou de uma forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja” (SRS 42). Observe-se que o Papa afirma que essa opção já é testemunhada por toda a tradição da Igreja<sup>9</sup>. João Paulo II reafirma essa questão na *Centesimus annus (CA)*, onde ele também fala do testemunho de vida que é exigido da Igreja, pois “desta convicção provém também a sua opção preferencial pelos pobres... O amor da Igreja pelos pobres, que é decisivo e pertence à sua constante tradição, impele-a a dirigir-

---

<sup>9</sup> Para um melhor aprofundamento dessa questão, é valioso ler a antologia elaborada por González Faus sobre a questão social na teologia e espiritualidade cristã ao longo da história (Cf. FAUS, 1996).

se ao mundo no qual, apesar do progresso técnico-económico, a pobreza ameaça assumir formas gigantescas” (CA 57).

E ainda na *Novo millennio ineunte* (NMI), João Paulo II afirma que “há na pessoa dos pobres uma especial presença de Cristo, obrigando a Igreja a uma opção preferencial por eles. Através desta opção, testemunha-se o estilo do amor de Deus, a sua providência, a sua misericórdia” (NMI 49).

Essa compreensão foi reafirmada com força pelo papa Bento XVI no discurso de abertura da Conferência de Aparecida ao expressar que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (Cf. 2 Cor 8,9)” (PAPA BENTO XVI, 2011, p. 255). E o Papa Francisco tem tomado como questão central de seus discursos os pobres e oprimidos à luz de Jesus Cristo, de modo especial em sua exortação *Evangelii Gaudium*, onde afirma que: “no coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo ‘Se fez pobre’ (2 Cor 8,9). Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres” (EG 197). Diante das acusações de que essa opção é sociológica demais, o papa escreve que “para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica” (EG 198).

Ao mesmo tempo, Francisco reafirma seu profundo desejo de uma Igreja pobre e fala do quanto podemos aprender com os pobres e com a força salvífica de suas vidas:

desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja (EG 198).

#### 4.4 Retrocessos teológicos

Contudo, não podemos negar que também no plano teológico, e não só pastoral, houve alguns retrocessos no que tange a opção pelos pobres. Houve uma tentativa nesse sentido já em Puebla, “a tentativa foi a de que ela se recolocasse no trilho conservador de outrora, mas isso não aconteceu” (MANZATTO, 2019, p. 455). Esta, porém, não ocorreu propriamente em Puebla, mas em muitos pontos se deu em

Santo Domingo. Isso o próprio dom Aloísio Lorscheider afirma ao comentar que as determinações dessa Conferência vieram mais de Roma que dos próprios bispos latino-americanos: “Santo Domingo foi um fracasso por isso. Mas começara em Puebla, onde já se queria terminar com as ideias de Medellín. Não se conseguiu graças a Deus, e então aproveitaram a ocasião de Santo Domingo” (LORSCHIEDER, 2008, p. 81).

Isso se vê deste o próprio documento final, pois enquanto “na verdade, a preferência pelos pobres é estruturante de todo o DP e constitui como que seu eixo integrador” (MANZATTO, 2019, p. 456). Assim como foi em Medellín, o mesmo não se dá no Documento de Santo Domingo (DSD), que passou a uma perspectiva mais *Ad Intra* de Igreja que *Ad Extra* à luz da libertação do Evangelho. Enquanto a questão dos pobres e da pobreza da Igreja recebe capítulos próprios em Medellín e Puebla, mesmo tal questão aparecendo transversalmente no documento, em Santo Domingo se torna o quarto subtópico do segundo tópico do segundo capítulo da segunda parte do documento, intitulado “Empobrecimento e solidariedade”.

Mesmo assim, Santo Domingo afirma que a vida de Jesus, que veio para evangelizar os pobres e que se fez pobre, “é a fundamentação que nos compromete numa opção evangélica e preferencial pelos pobres, firme e irrevogável, mas não exclusiva e nem excludente, tão solenemente afirmada nas Conferências de Medellín e Puebla” (DSD 178) e se compromete em “assumir com decisão renovada a evangélica opção preferencial pelos pobres, seguindo o exemplo e as palavras do Senhor Jesus, com plena confiança em Deus, austeridade de vida e partilha de bens” (DSD 180).

O *Documento de Aparecida* (DA) foi, certamente, melhor que o de Santo Domingo, pois apesar de não ter um capítulo dedicado aos pobres e a opção da Igreja por eles, ao menos dedicou um tópico, o terceiro do oitavo capítulo, a tal questão. Aparecida reconhece que “a opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha” (DA 391) e que “essa opção nasce de nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem, que se fez nosso irmão (cf. Hb 2,11-12). Opção, no entanto, não exclusiva, nem excludente” (DA 392) e chega a admitir que “nossa opção pelos pobres corre o risco de ficar em plano teórico ou meramente emotivo, sem verdadeira incidência em nossos comportamentos e em nossas decisões” (DA 397), mas antes explica que essa



opção, para que “seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais” (DA 396). Mas isso de fato não acontece, e nem mesmo Aparecida, ao menos em seu documento final, transpareceu isso, pois “embora a conferência de Aparecida tenha avançado muito sobre Santo Domingo, não foi capaz de retomar a direção/orientação fundamental de Medellín e Puebla, sobretudo no que diz respeito à centralidade dos pobres e oprimidos na vida e missão da Igreja” (AQUINO JÚNIOR, 2014, p. 138).

Basta notar que, tanto nas conferências posteriores a Puebla quanto em textos papais, se popularizou, após o termo opção preferencial pelos pobres, adjetivações que minimizam tal opção, como “não exclusiva nem excludente”, como se uma opção verdadeira pelos pobres pudesse ser exclusiva ou excludente. É como falar que defendemos um amor sem egoísmo, como se um sentimento com egoísmo pudesse ser de fato amor. “Tais adjetivações correm o risco de relativizar a opção preferencial pelos pobres diminuindo seu impacto” (MANZATTO, 2019, p. 459). É como se se quisesse dizer que a Igreja está do lado dos pobres, mas ao mesmo tempo está do lado dos ricos. Uma coisa é a Igreja ser uma mãe que acolhe a todos, outra é ela querer fazer opção preferencial por todos, pois quando se preferencia tudo, não se preferencia nada.

É interessante observar o quanto se dá o caminho inverso em alguns discursos do Papa Francisco. Enquanto vários documentos do Magistério, a começar pelos do Celam, usam adjetivações para amenizar/moderar a opção pelos pobres, Francisco usa adjetivações para reforçar a radicalidade dessa opção: “A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa *privilegiada e prioritária*” [grifo nosso] (EG 200; PAPA FRANCISCO, 2019). Enquanto os outros documentos costumam usar depois da frase “opção preferencial pelos pobres” as expressões *não exclusivas e nem excludente*, Francisco usa *privilegiada e prioritária*. É radical a diferença. Essa opção é assumida com toda a força pelo pontificado de Francisco, embora não tenha muita repercussão nos âmbitos de poder da Igreja. Contudo, essa sua determinação cristã de realmente privilegiar e priorizar os pobres é uma semente lançada que já está germinando. Podem não ser muitos os frutos, mas certamente serão saborosos e resistentes. Pois afinal, essa centralidade dos pobres, seja na Escritura ou na Tradição da Igreja, “é uma mensagem tão clara, tão direta, tão

simples e eloquente que nenhuma hermenêutica eclesial tem o direito de relativizar” (EG 194).

### Considerações Finais

A partir de nossa reflexão, entendemos que a reafirmação e desenvolvimento da preferência pelos últimos da sociedade, vistos como prediletos de Deus, é sempre conflitiva e desafiante, tanto no âmbito interno quanto externo da Igreja. Mas seus frutos, tanto teológicos quanto pastorais, revelam que com esta opção se caminha cada vez mais na fidelidade ao Evangelho e, portanto, à missão que o Senhor confiou à Igreja. Claro que essa opção incomoda, assim como Jesus incomodou quando disse: “é mais fácil o camelo entrar pelo buraco da agulha do que o rico entrar no Reino de Deus” (Mt 19,24); “cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes... Todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer” (Mt 25,40.45); “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6,20).

Mas procuramos permanecer firmes nessa opção e reconhecemos que Puebla muito nos ajudou a refletir sobre ela. “A maior herança que a Conferência de Puebla levou à Igreja foi, sem dúvida, a opção preferencial pelos pobres. Ela se tornou muito mais que uma opção pastoral, tornou-se a marca original da Igreja do continente e sua contribuição para o patrimônio da Igreja Universal” (MANZATTO, 2019, p. 461).

### Referências

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Viver segundo o Espírito de Jesus Cristo: Espiritualidade como seguimento**. São Paulo: Paulinas, 2014.

CÂMARA, Dom Hélder. O papa e seu chapéu de Mexicano. In: ROZOWYKWIAT, Tereza (Org.). **Meus queridos amigos: As crônicas de Dom Hélder Câmara**. Recife: Cepe Editora, 2016. p. 183-184.

**Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: trinta anos depois, Medellín é ainda atual?** 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

**Conclusões da Conferência de Puebla: Evangelização no presente e no futuro da América Latina**. 14ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção sal da terra).

DOCUMENTO DE APARECIDA. 12ª Ed. Brasília: Edições CNBB, 2011.

DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO. In: **Documentos do Celam**: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005. p. 585-782.

FAUS, Gonzáles. **Vigários de Cristo**. São Paulo: Paulus, 1996.

FREI BETTO. **Diário de Puebla**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

GREGÓRIO DE NISSA. Homilia sobre o amor aos pobres. In: FAUS, Gonzáles. **Vigários de Cristo**. São Paulo: Paulus, 1996.

LORSCHIEDER, Dom Aloísio. **Mantenham as lâmpadas acesas**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MANZATTO, Antonio. Opção preferencial pelos pobres. In: SOUSA, Ney de;

PAPA BENTO XVI. Discurso inaugural da V Conferência do Episcopado latino-americano e caribenho. In: DOCUMENTO DE APARECIDA. 12ª Ed. Brasília: Edições CNBB, 2011. p. 249-266.

PAPA FRANCISCO. **Discurso do papa aos participantes no encontro da Caritas Internationalis**. Disponível em:

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco\\_20190527\\_caritas-internationalis.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190527_caritas-internationalis.html). Acesso em: 2.jun.2019.

PAPA FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAPA JOÃO PAULO II. **Centesimus annus**. 7ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

PAPA JOÃO PAULO II. Discurso na Inauguração dos Trabalhos da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (28 de janeiro de 1979). In: FREI BETTO. **Diário de Puebla**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

PAPA JOÃO PAULO II. **Novo millennio ineunte**. Disponível em:

[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/2001/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_20010106\\_novo-millennio-ineunte.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html). Acesso em: 09.mai.2019.

PAPA JOÃO PAULO II. **Sollicitudo rei socialis**. Disponível em:

[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_30121987\\_sollicitudo-rei-socialis.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html). Acesso em: 09.mai.2019.

SÃO GREGÓRIO DE NISSA. Homilia sobre o amor aos pobres. In: FAUS, Gonzáles. **Vigários de Cristo**. São Paulo: Paulus, 1996.

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. A riqueza não é do rico. In: FAUS, Gonzáles. **Vigários de Cristo**. São Paulo: Paulus, 1996.

SBARDELOTTI, Emerson (Org). **Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe:** opção pelos pobres, libertação e resistência. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 451-462.

Artigo recebido em: 18/04/2021.

Artigo aprovado em: 06/07/2021.